

FESTA DO PAU DA BANDEIRA DE BARBALHA

Rosemberg Cariry

Um dos maiores acontecimentos religiosos, sociais, culturais e lúdicos do Cariri é a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, que acontece na última semana de maio se estendendo até o dia 13 de junho – o dia de Santo Antônio, quando os festejos populares são encerrados com uma concorrida procissão e uma missa solene na igreja matriz.

A cidade de Barbalha, encravada no Vale do Salamanca, circundada pelas florestas das encostas da Chapada do Araripe e pelos verdes canaviais, onde ainda hoje fumegam os engenhos de moagem de cana de açúcar e de fabricação da rapadura, guarda, em suas igrejas, casarios e sobradões, heranças de antigas nobrezas.

Afirma-se que, assim como o Egito é um presente do Nilo (Heródoto), Barbalha é um presente do rio Salamanca. Na verde concha dos canaviais, Barbalha cintila como uma pérola. Barbalha é a pérola do Cariri.

As Origens

A origem do nome Barbalha é envolta em lendas. Diz a tradição popular que o topônimo é alusivo ao nome de uma moradora, dona de um pouso que abrigava comboeiros e viajantes. Era o Pouso da velha Barbalha.

Sua denominação original foi Freguesia do Santo Antônio de Barbalha. A pequena vila foi erguida por antigos sesmeiros. Segundo Napoleão Tavares Neves:

O homem branco deve ter visto o Cariri em 1705, há muitas datas polêmicas, mas o mais consensual é isso, e entrou no Cariri pela porta aberta da Cachoeira de Missão Velha, porque os colonizadores vieram seguindo o curso dos rios, então os colonizadores chegaram aqui através dos riachos dos porcos e a primeira janela do Cariri que eles viram foi a cachoeira de Missão Velha. Entraram e começaram a colonizar, inicialmente era o ciclo do boi, o ciclo do couro, depois eles viram que os solos do Cariri eram muito nobres para serem usados apenas para pasto de gado e começaram a plantar cana a partir de 1838. Diz o historiador Irineu Pinheiro, que o primeiro engenho de rapadura rangiu no Vale de Salamanca em 1838 e daí pra cá começou a cultura da cana de açúcar (Neves, 2010).

Apontam as crônicas históricas que Francisco Magalhães Barreto e Sá, descendente de Mem de Sá, terceiro governador geral do Brasil, foi quem fundou

Barbalha. Magalhães teria, em 1778, pedido permissão à Igreja Católica para erigir, à margem do rio Salamanca, um pequeno templo a Santo Antônio, nas terras pertencentes a Manoel Antônio da Rocha. Aos arredores da Capela de Santo Antônio, foram se concentrando famílias e uma área de riquezas começou a se desenvolver. Os primeiros registros da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, como acontecimento religioso, datam de meados do século XIX.

A primeira atração foi de fato o Vale do Rio Salamanca, que era bastante fértil, um vale bastante plano, bastante fértil que misturava o bom clima serrano e a cidade foi se formando bem próximo dos canaviais, muito próximo (Hilario, 2010).

As férteis terras localizadas nos sopés de serra e às margens do rio Salamanca eram habitadas pelos índios Cariris, antes das entradas dos vaqueiros da Casa da Torre de Garcia D'Ávila e de fazendeiros e criadores que chegaram da Bahia e de Sergipe. Os resultados desses contatos e descobrimentos, na região, desencadearam notícias de que, na região, havia ouro em abundância, e, em seguida, desencadeou-se uma verdadeira corrida para os sertões brasileiros, para onde acorreram famílias oriundas de várias regiões do país e mesmo de Portugal, sonhando com as riquezas de terras inexploradas e com a esperança de encontrar o minério, que as levaria a aumentar seu patrimônio material, além de aumentar seu prestígio pessoal com a corte portuguesa. A busca do metal precioso, nas ribanceiras do Rio Salgado, trouxe, para a região do Vale do Cariri, a colonização e conseqüentemente a doação de sesmarias, o que permitiu a fixação do homem à terra e, conseqüentemente, o surgimento de lugarejos e vilas.

Os colonizadores mantiveram os primeiros contatos com os nativos e, depois de renhidas lutas, catequizaram e agruparam os índios em aldeamentos ou missões, concluindo o genocídio por meio das tentativas de extinção da cultura autóctone. Não extinta de todo, a antiga cultura da nação Cariri termina se mesclando a costumes e crenças do colonizador gerando uma vigorosa cultura caboclo-popular, embora as nações indígenas e os seus costumes, línguas, mitos, saberes e religiosidades originais deixassem de existir enquanto grupos culturais e étnicos.

Deste contexto violento de embates e guerra colonial, surge Barbalha, um núcleo urbano que cresce ao redor da capelinha de Santo Antônio. A economia de Barbalha cresceu em torno dos engenhos de rapadura, unidades produtivas que até hoje exercem significativo papel econômico no município, apesar da decadência da atividade canavieira e do seu pouco peso econômico nos dias atuais. Os grandes e gloriosos

engenhos, a exemplo do engenho Tupinambá, são apenas fotografias nas paredes e recordações dos outrora poderosos senhores que sobreviveram à decadência e ao tempo. Parafraseando Carlos Drummond de Andrade, poderíamos dizer: “mas como doem”. Barbalha já se orgulhou de ter mais de 80 engenhos, e a sua rapadura adoçou todo o Nordeste, constituindo-se o principal lastro econômico do município. Conforme faz menção Napoleão Tavares Neves:

Barbalha chegou a ter de 80 a 100 engenhos de rapadura. Chegou a ser ‘Capital Mundial’ da rapadura. Cada engenho destes dava trabalho a mais ou menos 40 pessoas na zona rural. A cana de açúcar e o produto mais valorizado, a rapadura, durante mais de um século, foi o lastro econômico da região (Neves, 2010).

Esta fartura de rapadura e pujança econômica, antes de entrar em declínio, em meados do século XX, não era para todos, mas concentrada nas mãos e no poderio de algumas poucas famílias brancas, de nomeada ou imaginada fidalguia, enquanto, nos eitos, o trabalhador dos canaviais, os caboclos (descendentes de índios e brancos), os negros importados e os cafuzos (em menor quantidade) viviam e trabalhavam em um sistema de semiescravidão.

As amargas lembranças deste tempo são guardadas por Maria Ideuzuite Benedito, negra moradora dos engenhos de Barbalha, mágica rezadeira e guardiã da memória popular, em seus quase cem anos de idade:

Só morava pobre, as casas de taipas cobertas de palha, as portas palhas de palmeira, chama-se caniços, nos tinha na parte nas casas. Engéns [...] os pobres dos trabaiaador dos engém não tinha nem roupa para vestir. Os trabaiaador era no corte da cana, era na fornalha, nos tachos, tudo tão sujo, suado... O povo que trabaiaava nos engém parecia uns cativo. Era um sofrimento grande. Tinha os que metia fogo. Tinha deles que adoecia e morria daquela quentura dos engém. Era um sofrimento. Naquele tempo era um sufoco! A comida era feijão com farinha com um quarto de rapadura. Os donos dos engenhos dava surra, açoitava os trabaiaador. Eles não respeitava não, se um trabaiaador não aguentasse o sofrimento e saísse da terra deles eles ia buscar amarrado, como um cativo, para vir trabalhar debaixo das sujeição (Benedito, 2010).

As manifestações culturais, religiosas e lúdicas, que nascem em redor dos engenhos, em pequenas vilas, nos sopés da serra e periferia de Barbalha, em ambiente de grande pobreza e tensão social, são de grande originalidade e força vital. Nascem da resistência do homem, para, pela beleza do cantão, do lúdico e do religioso, combater a miséria e a morte. Esta cultura não é uma cultura da miséria, é uma cultura que à

miséria resiste. Mesmo a religiosidade imposta pelos missionários, de acentuada morbidez e penitencial, é subvertida e transformada em energia solar do espírito, revestindo-se de intensa sexualidade, alegria e força vital. Uma cultura fecundante que vence as “moendas de moer gente” dos engenhos e a morte que ceifa de forma precoce a vida dos trabalhadores dos canaviais.

O Santo Padroeiro

Vindo de Portugal (Rowler, 1977), Santo Antônio habita o universo religioso brasileiro, tornando-se um dos santos mais populares, ao lado de São Pedro e São João. Segundo Cascudo (1979, p. 61-64), Santo Antônio é padroeiro de mais de 300 freguesias, e seu grande prestígio junto ao povo deve-se à crença de que ele faz aparecer objetos perdidos e arranja casamentos. Um santo bem humanizado e adaptado ao cotidiano do povo, capaz de suprir as carências dos homens e das mulheres, por meio do fogo milagroso do amor. As orações para obter favores são as mais diferentes e ousadas possíveis. Pereira da Costa registrou em Pernambuco, na primeira metade do séc. XIX, a seguinte oração:

Padre Santo Antônio dos Cativos, vós que sois amarrador certo, amarraí, por vosso amor, quem de mim quer fugir; empenhai vosso hábito e o vosso Santo Cordão, com algemas fortes e duros grilhões, para que façam impedir os passos de fulano, que de mim quer fugir; e fazei, ó meu bem-aventurado Santo Antônio, que case comigo sem demora (Costa apud Cascudo, 1979, p. 63).

De Santo Antônio, por conta da fama de “encontrador de objetos perdidos”, valiam-se também os proprietários de terra para fazer encontrar os negros foragidos. A fama do “Santo Antônio Amarrador” dava-lhe, entre os senhores de engenho, uma aura de “capitão-do-mato” fantástico. Por outro lado, os negros também adoravam um “Santo Antônio” mais compadecido dos negros, que os ajudava nas fugas e os aliviava dos suplícios dos troncos. Por este motivo, do mesmo Santo Antônio, valiam-se os negros fugitivos. Pela quantidade de Quilombos que se espalharam pelo Brasil, é possível crer que muitos negros fugidos conseguiram a tão sonhada liberdade e que a balança de Santo Antônio, muitas vezes, terminava pendendo em favor dos negros escravizados, para desgostos e prejuízos dos senhores de engenho que contabilizavam seus lucros diminuindo as doações ao cofre da paróquia do Santo “subversivo” (Cariry, 1982, p. 194).

As moças casadoiras, cheia de intimidades com Santo Antônio usavam métodos mais radicais para fazer com que o Santo cumprisse os seus desejos, sobretudo os amorosos. Para conseguir casamento, as moças submetiam Santo Antônio a todo tipo de tortura e suplícios: tiravam o menino Jesus de seus braços e só o restituíam depois de realizado o pedido de casamento; amarravam-no pelo pescoço e o penduravam no teto ou dentro de poços; colocavam sobre a tonsura uma moeda colada com cera e as moças mais carentes de casamento chegavam a açoitá-lo. Outros usos, menos nobres, eram feitos também por meio destas chantagens com o pobre Santo Antônio. Irineu Pinheiro, no seu livro "O Cariri", nos conta este singular fato:

De primeiro (penso que assim ainda se faz muito em sigilo), enterravam eles dentro do seu arroz, farinha e feijão a estátua de Santo Antônio, de cabeça para baixo, e só retiravam depois de perdidas todas as plantações (Pinheiro, 1950, p. 96).

Quem assim procedia eram os aproveitadores da seca, comerciantes amorais que guardavam grande quantidade de gêneros alimentícios em caixões de cedro e paióis, para revenderem na estiagem, explorando as populações famintas. Até para isso se serviam de Santo Antônio.

A imagem do Santo é sua presença na terra, e o corpo inerte é vivificado pelo espírito do divino. É ainda Câmara Cascudo (1979) quem nos informa que a representação do santo pela imagem material é uma herança dos gregos. A imagem de Marte era amarrada para não abandonar o guerreiro. A poesia popular registra a crendice herdada:

Santo Antônio, me case já,
enquanto sou moça e viva.
O milho colhido tarde
não dá palha nem espiga.

Meu Santo Antônio querido,
meu santo de carne e osso,
se tu não me dás marido,
não tiro você do poço.

Confessei-me a Santo
Antônio,
confessei que estava
amando.
Ele deu-me por penitência
que fosse continuando...

Meu Santo querido,
Eu vos peço, por quem sois;
Dai-me o primeiro marido,
Que o outro eu arranjo depois.

Meu Santo Antônio querido,
Meu santo de carne e osso
Se não me dá um marido
Não tiro você do poço.

A tal ponto chegou a popularização e a profanação do Santo que ele chegou a ser nomeado capitão na Fortaleza das Armas (1705), Alferes no Bairro da Mouraria (1800), com saldo anual de 120\$, chegando até o posto de coronel em São Paulo antigo (Cascudo, 1979). O povo espalha, aos quatro pontos cardeais, a força e o poder deste Santo:

Quem milagres quer achar,
Contra os males e o demônio,
Busque logo a Sant'Antônio
Que só há de encontrar.

Aplaca a fúria do mar,
Tira os presos da prisão,
O doente torna são,
O perdido faz achar¹.

O nome verdadeiro de Santo Antônio é Fernando de Bulhões, nascido em Lisboa, o ano da graça de 1195, no dia 15 de agosto. Morreu em Arcela, no dia 13 de junho de 1231 (Rower, 1977). Cedo se manifestou o seu espírito místico, fazendo-o ingressar na Ordem de Santo Agostinho. Transferiu-se para a Ordem de São Francisco, em 1220, tomando o nome de Antônio. Muitos são os fatos que se contam a seu respeito. Dizem que tinha o dom de fazer-se entender por todos os estrangeiros e que o Menino Jesus costumava visitá-lo. Vem daí as iconografias que o representam com o menino Jesus nos braços. Outro fato extraordinário é o sermão que fez para os peixes, e estes subiram à superfície para escutá-lo, quando os homens não lhe deram ouvidos. Santo Antônio, canonizado um ano após a sua morte, pelo Papa Gregório IX, é o mais popular santo de Portugal e de terras colonizadas pelos portugueses.

As origens da Festa

A festa de Barbalha em louvor a Santo Antônio combina a devoção católica ao santo casamenteiro com os ecos de antigos rituais pagãos europeus e indígenas (autóctones) que marcavam a época da colheita. A festa em Barbalha é um acontecimento centenário, e muitos apontam o Padre Ibiapina como tendo sido o introdutor do costume religioso de hastear o mastro para a bandeira do santo na região, da mesma forma que incentivou o surgimento dos primeiros grupos de penitentes.

A festa, no entanto, só adquiria grande vigor, porque existia no substrato cultural da região, sobretudo na população cabocla, herdeira dos antigos tapuias, uma tradição de festejo das colheitas, da festa do ouricuri e da árvore da vida.

No antigo mito de Badzé, a árvore tem o significado profundo de ligar a terra aos céus, de fazer a ligação entre os homens e os deuses. Narra o mito de Badzé e das disputadas entre os irmãos Warakidzã e Poditã:

Com ciúmes do irmão, Warakidzã desceu à terra Cariri, transformou as crianças índias em porcos-espinhos (o embrutecimento do espírito, o futuro negado), fazendo com que elas subissem num gigantesco pé de árvore (a árvore do bem e do mal?). Não satisfeito, pediu às formigas azuis para que roessem o tronco da árvore, derrubando-a por terra e deixando as crianças-porco-espinho para sempre encantadas no céu. A terra Cariri ficou um eterno “hoje”, sem amanhã. Depois de muitas tentativas inúteis de pôr a enorme árvore em pé, impossibilitados de subirem até os céus, os índios disseram a Poditã que estavam muito tristes e que queriam de volta a alegria das suas crianças (o seu futuro). Poditã ensinou então aos pajés que, invocando a proteção de Badzé, fumassem seus cachimbos com ervas mágicas e tomassem o vinho da jurema preta para ter visões proféticas, entrando, assim, em contato com o mundo dos encantados. Contento com a visita dos espíritos dos pajés e com as ofertas de fumo, Badzé castigou Warakidzã, desencantou as crianças-porco-espinho em curumins e as devolveu ao Paraíso da terra Cariri, que voltou também a ter um amanhã (Cariry, 2008, p. 369).

No mito Cariri, erguer a árvore é novamente religar a terra aos céus, é unir o passado ao presente e ao futuro, em um ritual cósmico.

Os ritos em torno do pau e da fertilidade são comuns a muitos povos indígenas do Nordeste. Ainda hoje, os Tupinambá de Olivença, na Bahia, mesclando os seus antigos costumes com costumes católicos impostos nos aldeamentos, realizam o ritual do “Pau”. Os procedimentos e as crenças se parecem muito com os da Festa do Pau da Bandeira de Barbalha, guardadas as diferentes proporções e inserção midiática:

Na Festa da Puxada do Mastro, são os habitantes da vila que mais se destacam. Um dos grupos centrais da festa são os “machadeiros”, escolhidos anualmente. Quinze dias antes da festa, eles têm o papel de

“marcar o pau”, isto é, dirigir-se à área do “mato” (a cerca de três quilômetro da vila) e escolher os troncos que serão utilizados para a fabricação do mastro e do “mastaréu”, o mastro das crianças. Além disso, “marcar o pau” implica em extrair parte do casco da árvore para promessas feitas a São Sebastião. Também se usa o casco para fazer um chá que “dá sorte”.

No dia da festa, a alvorada é às cinco horas da manhã e se inicia com o sino da igreja. [...] No mato, o tronco é cortado em um ambiente de enorme animação, com muitas conversas entre os conhecidos e os vizinhos de Olivença, que muitas vezes são companheiros de festa. O corte do tronco é rápido e sua queda provoca muita agitação. Homens se aproximam e alguns, usando o facão, descascam-no. Parte do casco é aproveitada pelos presentes para fazer chá, para proteção ou promessa. O restante é retirado e deixado no chão. [...] Levantar o tronco do chão é talvez uma das tarefas mais complicadas e árduas. Na saída do mato, as crianças vão à frente, puxando o “mastaréu”. O mastro é puxado por todos os presentes. Então ouve-se gritar “agora”, “juntem a corda”, “em frente”, “parem” – palavras de ordem e coordenação entre os que seguram e arrastam a corda. Quando se inicia a descida canta-se bem alto “Ajuê, dão”, “ajuê, dão dão” e com isso se ganha ânimo para puxar o mastro. Depois da pausa para o almoço, os transportadores do sino entram pela praia. Os rapazes com o mastaréu correm para o mar e mergulham junto do tronco. Muitos sentam-se em cima dele para trazer “sorte” e, por vezes, bebês são colocados durante instantes em cima do mastro com o mesmo propósito (Viegas, 2010).

Outra herança do Pau da Bandeira vem dos antigos festejos do Divino Espírito Santo, herdados das Ilhas dos Açores - Portugal. A Festa do Divino é a festa da justiça, da igualdade, da fartura, da libertação do homem, com as bênçãos para as boas colheitas e as mesas fartas, sob o signo do mais radical comunismo. A Bandeira do Divino também é erguida em mastro alto, representando a árvore da vida e os seus frutos mais generosos. O costume de hastear as bandeiras dos santos em mastros, nas festas de Padroeiros, ainda hoje vigora em muitas cidades, vilas, aldeias e comunidades quilombolas do país, tomando feições identitárias bem brasileiras.

Se é reconhecida na festa católica do Pau da Bandeira de Santo Antônio a influência indígena, não é pequena também a contribuição afro-brasileira, sobretudo nos folguedos populares dos reisados e na contagiante alegria que toma conta dos festejos, entre danças, cantos, gritos e algazarra.

A festa é como uma “onça pintada”, cheia de vigor e brilho, que no dizer de Ariano Suassuna representa todas as raças e povos que constituem a cal que alicerçou a formação do povo brasileiro.

Há indícios de que diversas tribos costumavam ir beber das águas das fontes termais, que abundam na região, consideradas “sagradas”. Nessa época, os índios

Cariris recebiam os visitantes com grandes celebrações. Com a chegada da colonização e do Catolicismo, os religiosos teriam tentado adequar a festa ao culto de Santo Antônio. Mesmo assim, aspectos primitivos do antigo ritual teriam sobrevivido e sido incorporados à festa do padroeiro que trazia reminiscência europeia do culto ao mastro sagrado, nas festas das colheitas europeias.

São muitas as versões sobre as origens da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, sem, no entanto, se precisar uma data. Quando muito, aponta-se uma época em que os festejos, comuns na região e em várias localidades rurais e urbanas do Nordeste, começam a tomar maior vulto em Barbalha:

A origem da Festa do Pau da Bandeira é a devoção a Santo Antônio e, dentro da organização da festa religiosa, o que se sabe é que sempre houve a abertura marcada pelo transporte do tronco da árvore que serve para ser o mastro para a bandeira. Por um lado é um tipo de festa que existe em todo o Cariri, nos diversos municípios. Esse costume de transportar o mastro, ligado às festas religiosas na região é bem antigo. Mas sabemos também que este costume da festa com árvores transformadas em mastro ela está ligada a outras tradições, até mesmo imemoriais, que vieram da Europa com os primeiros colonizadores. No Cariri, e particularmente em Barbalha, a Festa do Pau da bandeira se caracteriza por essa comemoração do padroeiro de Barbalha, Santo Antônio (Araújo, 2010).

O historiador Napoleão Tavares busca precisar uma data como marco do início, mas termina apontando a passagem do padre Ibiapina em sua missão evangelizadora e de ação social, como tendo marcado a consolidação da tradição:

Em 1853, já se falava em festa de Pau da Bandeira em Barbalha, mas tudo faz crer que a festa começou com a independência do Município em 1847. Agora a festa religiosa foi crescendo pela ação pastoral, e as missas do Padre Ibiapina, na década 1860. O Padre Ibiapina, por onde passava, nas suas andanças e pregações pelo Nordeste, recomendava que se colocasse no mastro a bandeira do padroeiro do sítio da fazenda ou da cidade (Neves, 2010).

O povo busca outras origens. Augustinho dos Santos, mestre da filarmônica São José e presidente da Associação Vicentina de Barbalha, narra uma história ouvida do Sr. Joaquim Teles, proprietário do Sítio São Joaquim (onde fora preservado parte da floresta nativa), que, durante muitos anos, fez a doação da árvore para ser cortada e transformada no mastro para hasteamento da bandeira.

Eu perguntava: Dr. Teles, de onde surgiu o Pau da Bandeira? Ele dizia: Agostim, aqui tinha um velho chamado Zé Terentena. Era um velho muito religioso, e a casa dele era cheia de santos. Ele era um

velhão, cabelo branco que tinha uma voz assim meio de “asa quebrada”. Era pobre, não tinha nada, mas era um velho muito religioso. Deram a ideia a ele de levantar o pau para botar a bandeira do Coração de Jesus, em frente da casa dele, no dia da festa de renovação. Aí ele pegou uns meninos e foi para mata do São Joaquim, do Dr. Teles, e lá cortou um pau pequeno e botou nos ombros dos meninos. Trouxe e ergueu em frente da casa dele com a bandeira do santo. Soltaram fogos, fizeram festa [...] E o povo gostou. Aí o vigário de Barbalha, naquele tempo, aconselhou que o povo fizesse aquilo também na festa de Santo Antônio, que ele achou bonito. Os meninos, carregando aquele pau, que queria também para a festa de Santo Antônio. Aí fizeram, ficaram trazendo o Pau da mata de São Joaquim. No pau, colocavam uma bandeira com Santo Antônio, até de papelão, uma varinha, amarrado no pau. Aí subiam o pau [...] Pipocavam os fogos, começava a música, a festa [...] Foi assim que começou (Santos, 2009).

Santo Antônio – O santo casamenteiro

Se é antiga a crença (herança portuguesa) nos poderes de Santo Antônio como santo casamenteiro, esta crença tem crescido e adquirido novas formas pela divulgação da festa na grande mídia e das interpretações chistosas e bem humoradas, em torno do pau e do costume das moças pegarem no “pau” (da bandeira) de Santo Antônio. Este costume de uso recente, incentivado pela mídia, começa a se consolidar (ou pelo menos adquire maior visibilidade) a partir da década de 1970, quando a festa adquire conotações de grande evento e começa a ter uma nova visibilidade.

Da fama de Santo Antônio, como santo casamenteiro, existe uma lenda de grande sabedoria e intensa generosidade:

Contam que, em Pádua, havia um chefe político que exigia que todas as moças casassem com o dote, aconteceu que só rico casava com rico e pobre com pobre, e o povo ficou revoltado. E Santo Antônio chegou lá e mostrou que aquilo estava errado, e ele tinha uma postura moral tão grande, que esse cidadão, esse chefe aboliu essa lei, aí o povo ficou feliz porque podia casar, essa era a explicação que se dava (Lima, 2010).

A fama de Santo Antônio é também atestada por sua ligação profunda com o povo, tendo sempre atuado como um defensor dos pobres e dos injustiçados, tanto em Portugal quanto no Brasil.

Ele sempre foi um homem no meio do povo, eu não conheço dos muitos milagres que dizem que ele operou em nome de Deus, eu não conheço um milagre que ele tenha feito assim em caráter particular. Sempre no meio do povo em favor do povo (Simoneto, 2010).

Quando os homens da Irmandade dos Carregadores do Pau de Santo Antônio entram na cidade, os fogos pipocam, as bandas de pífanos tocam, e a dança e um arrepio frenético tomam conta da cidade. As moças casadoiras correm para tocar no Pau de Santo Antônio. E tem-se aí uma verdadeira “orgia” de corpos que se tocam. As mulheres vão de encontro aos homens suados e sujos da poeira da terra, na ânsia de tocar no mastro.

A literatura de cordel da região narra estes fatos de maneira espirituosa fazendo a graça do povo:

Jogaram o pau no chão,
Isabel se escanchou
Mais que depressa no pau
Ela pegou e alisou
E para fazer um chá
Uma casquinha levou.

E quando chegou em casa
Foi rezando a trezena
Que de Santo Antônio
É sua famosa novena,
Para conseguir um marido
Ela rezou foi centena.

Dormindo ela sonhou
De noite em sua cama,
Viu Santo Antônio chegando
Bem de mansinho e lhe chama,
Falando essas palavras
Sinceramente sem grama.

Eu não vou casar ninguém
Pra não ter decepção
Preocupado com o mundo
Desisti dessa missão,
Por isso já resolvi
Mudar minha profissão.

Pare de me azucrinar,
Aporrinhada eu já estou,
Casamento arrumado
Saiba que nunca prestou.
Todo mundo sabe disso
Só você não escutou².

Dizem que, em noites tão animadas, onde mais de duzentas mil pessoas se juntam em festa, em dança, em meio a muita música e muita bebida, é quase certo que o cupido reine de maneira mais desavergonhada e os encontros amorosos se sucedam, alguns como encontros duradouros que resultam em casamentos. Para uma minoria mais

alvorçada, fica a herança dos filhos bastardos ou mesmo as doenças venéreas – não são poucos os que, na embriaguez da festa, dando asas aos impulsos mais destrutivos, dispensam o uso dos preservativos, com sérias consequências. Em casos mais graves, como a AIDS, nem mesmo adianta arrependimentos, rezas e promessas.

Esta permissividade festeira e herege, já era costume antigo, quando bem o descreve, com ironia o Padre Lopes Gama, no seu famigerado pasquim “O Carapuceiro”, ao falar das festas de levantamento da Bandeira, na antiga Recife.

O pretexto é o culto religioso, mas na realidade essas festividades, apreço, foram inventadas para dar azo a folgares, a pagodes, a rega-bofes etc. etc.

[...]

Onde há adjunto de moçoilas é infalível a atração da rapaziada, que desabelha de todas as partes para assistir muito devotamente ao levantamento do pau da bandeira. Os mais famosos conquistadores e gamenhos acompanham por fora o círculo do rebanho feminino; e a cada um ali está com todos os cinco sentidos sobre as mansas ovelhinhas, e á maneira do faminto leão *circuit quoderens quem devoret* (vai cercando a quem deve devorar). Vai adiante da procissão o estrepitoso zabumba e mais instrumental, e os foguetes do ar estouram incessantemente. Vão as senhoritas cantando versículos, aos quais de ordinário responde a turba multa (Gama, 1996, p. 278-279).

Para moralizar e sacralizar de forma mais conservadora os pedidos de intervenção de Santo Antônio nos negócios do amor, as mulheres de Barbalha resolveram se unir em torno da advogada Socorro Luna e criaram com muito sucesso a “Noite das Solteironas”.

A “Noite das Solteironas” tornou-se uma festa dentro da festa de Santo Antônio. Nós tivemos a ideia de criar a noite das solteironas e, quando nós tivemos a ideia de criar a noite das solteironas, nós começamos a pensar em simpatias, coisas diferentes para serem vendidas para os turistas, para o pessoal que nos visita nesta época. Como Santo Antônio é tido como santo casamenteiro, já havia a tradição de que a moça que pega no pau casa, e nós tivemos a ideia de tirar a casca do pau e transformar em simpatia. A primeira simpatia que nos criamos foi o “kit milagre”, foi um estouro, foi um sucesso, vendeu para o país inteiro. Ai depois a gente foi criando novas simpatias. Criamos o chá casamenteiro, criamos o terço para arranjar outras solteirices, e esse ano a gente vem com uma novidade bem interessante que é a essência do amor, é um banho que você toma e, em seguida, você sai e os cupidos já estão tomando de conta da sua vida. Nossa noite é uma noite romântica, é a noite em que as pessoas vêm realmente para paquerar, para se sentir bem num ambiente tranquilo. E, além do ambiente tranquilo, aproveitar e adquirir nossas simpatias (Luna, 2009).

Hoje a “Festa das Solteironas” é um acontecimento midiático dentro da já

mediática Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. Socorro Luna, na época da festa, está presente em todos os jornais e emissoras de TV, regionais e nacionais, sempre aconselhando seu “kit casamento”, como remédio certo para a solidão, e as pequenas estátuas de Santo Antônio, como sagradas companhias que podem atrair amores, mesmo os mais profanos, já que parece que Santo Antônio, atarefado com tantos pedidos, parece não ter muitos critérios na distribuição de parceiros. Muitas vezes, é o primeiro que aparece. Diz o povo que São Pedro e São João são mais criteriosos nestas escolhas.

Celene Queiroz, a grande guardiã do folclore de Barbalha e uma das criadoras da festa, na dimensão que hoje ela tem, mostra uma visão mais reservada em relação às crendices do povo e ao uso que se faz dos poderes sagrados de Santo Antônio:

Eu não vejo a devoção a Santo Antônio dessa maneira. Eu vejo Santo Antônio como um santo grande e milagroso. Ele é o nosso protetor, o nosso santo padroeiro, e essa parte de Santo Antônio casamenteiro é mais uma brincadeira que o povo reinventou [...] A gente faz isso brincando, na brincadeira [...] Mas no sério mesmo, para mim, Santo Antônio é um santo muito milagroso. Quanto a estas histórias de tirar a casca do pau da bandeira para fazer chá, é também uma invenção mais nova da brincadeira que está baseada na antiga tradição das plantas medicinais. Existe, na medicina popular, o milagre das ervas, das plantas. Elas são milagrosas e trazem curas. Então as pessoas tiram a casca do pau da bandeira e é feito aquele chá. Aí as solteironas tomam este chá esperando casar. Também compram o “kit casamento”, compram os santinhos, as novenas, compram o tercinho, compram medalhinhas [...] Tudo isto faz parte da brincadeira, da diversão e movimenta as quermesses, os leilões, as festas: a animação do povo (Queiroz, 2010).

As mulheres, na Festa de Santo Antônio, tem a função de musas, de inspiração, de feminino idealizado no ritual fálico. Os carregadores do Pau da Bandeira são homens. As bandas de pífanos são constituídas por homens. Os brincantes de reisados e bois são homens (com raras presenças femininas), os “Mateus” e os encaretados são homens, os bêbados e brincantes são homens. A participação feminina na festa é recente e deu-se a partir do momento em que a festa foi se transformando em um evento de visibilidade nacional. Hoje as mulheres, sobretudo as mulheres jovens e de classe média, aproveitam a festa para liberar os seus desejos mais reprimidos e divertirem-se como os homens. Mesmo assim, são poucas as mulheres que se aventuram a acompanhar o “carregamento do pau”, desde o sítio São Joaquim até a cidade. Elas ficam sempre nos limites “civilizados” do cortejo dentro das ruas da cidade.

Na onda dos novos comportamentos sexuais e sociais, em um mundo cada vez mais globalizado e de comportamentos miméticos, não apenas homens e mulheres

pedem a graça de encontrar um bom parceiro, mas toda a diversidade sexual também apela para o sobrenatural em busca de relações mais duradouras e abençoadas. Não se sabe se Santo Antônio, um santo conservador e observador dos preceitos da igreja apostólica romana, tem atendido de forma satisfatória a estes pedidos mais ousados. Muitos acreditam que não e que nada consegue abalar a fama de ser o Pau da Bandeira uma “festa de machos”.

Eu acho que é uma festa máscula, tanto é que o pau da bandeira é carregado só por homens, não se vê mulher lá e nem pode haver mulher lá. É uma festa máscula. Então tudo isso cria essa aura de machismo, de masculinidade em torno do pau da bandeira. E essa coisa das mulheres escrever o nome no pau da bandeira para casarem, é mais um componente desse complexo que existe aí. Uma poetisa de Barbalha, muito inspirada, Helena Lutércia Coelho, qualificou o pau da bandeira de símbolo fálico do homem Cariri (Neves, 2010).

Quando tudo começou a mudar

Hoje a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio disputa com a “Expo Crato” e o “Juáforró” a liderança de maior festa popular do Cariri. Tudo nesta festa muda, com grande velocidade, no bojo das grandes transformações econômicas, sociais e culturais pelas quais passa a região. No entanto, as mudanças que impulsionaram a transformação da Festa do Pau da Bandeira não são tão antigas como parecem e estão registradas nos anais históricos da década de 1970. A pequena festa religiosa de antigamente se tornou a grande festa turística de hoje a partir de uma intervenção bem calculada e positiva do poder público e de muitas lideranças da cidade de Barbalha. Se a tradição aqui não foi inventada, podemos dizer que foi reinventada e potencializada como evento de grande envergadura, com apelo turístico e alcance midiático, atendendo a uma visão moderna da cultura como capital simbólico e do turismo como propulsor do desenvolvimento.

A intervenção do poder público nas manifestações religiosas de Barbalha, associadas à cultura popular, vai acontecer no início da década de 70. Na verdade, Barbalha sempre demonstrou esta potencialidade e cultura de raiz e expressão popular. Então estas manifestações são percebidas de uma forma mais clara e integradas à Festa do Pau da Bandeira, como uma forma de projetar Barbalha no cenário turístico nacional (Ferreira, 2010).

O prefeito Dr. Fabriano Livônio Sampaio, cuja gestão ocorreu entre 1974 e 1977, homem honesto, amante de sua terra e de grande zelo com a coisa pública, muito colaborou para o crescimento e a divulgação da festa. A estes esforços vieram se unir

muitas instituições.

No início da década de 1980, o Mobral³, por meio da coordenação estadual de sua coordenadora Lúcia Helena e da educadora Teresa Rocha, deram um grande impulso aos estudos e registros das culturas populares do Ceará, bem como incentivaram a revitalização de muitas festas populares, entre elas a do Pau da Bandeira. Estas ações, na época, constituíam uma temeridade, por tratar-se de um órgão Federal, em um governo da ditadura militar. A imposição de limites a uma festa popular sempre pode fugir (em verdade sempre foge) dos controles institucionais da Igreja ou do Estado, descambiando para a irreverência, para a crítica, para a insubmissão, para tudo que nega os grilhões e a morte, numa humana e cósmica afirmação da vida. A festa está ligada à liberdade e à subversão do cotidiano opressivo. Lúcia Helena e Teresa Rocha sabiam de todos estes riscos e reuniam uma grande e aguerrida equipe, criando coordenações de alfabetização em todos os municípios do Ceará e incentivando as festas e as manifestações das culturas populares.

Ajudando as ações da prefeitura, foi de grande importância a colaboração de alguns agentes do Mobral de Barbalha (Celene Queiroz, Antonia Lima e Benivalda Magalhães) para reorganizar, junto com a Prefeitura, a festa de Santo Antônio e, a exemplo do que já acontecia com a Exposição Agropecuária do Crato, transformá-la em um grande evento cultural, social e econômico. Conforme menciona Celene Queiroz Sampaio:

A festa antigamente era uma festa a base de carrosséis, a própria quermesse, até que veio o governo de Dr. Fabriano, que era um cara novo, uma pessoa de visão, e achou que Barbalha, sendo uma cidade cultural com tanta riqueza nesses pés de serra, ele pensou em introduzir a presenças de grupos folclóricos, das nossas tradições populares. Nós trabalhávamos no Mobral e começamos então a mobilizar os grupos autênticos e também a incentivar as manifestações folclóricas na escola. Nos desfiles, todos se uniam, os grupos tradicionais com os grupos das escolas. Desde o primeiro desfile que o povo achou bonito. A coisa veio para ficar mesmo e cresceu a cada ano (Queiroz, 2010).

Neste mesmo período, o professor e radialista João Hilário é convidado pelo prefeito Fabriano Livônio para ser animador da festa em sua nova concepção.

¹ Responso de Santo Antônio. Versão popular da composição de Julião de Espira.

² CRUZ, Maria do Rosário Lustosa. Cordel **Desabafo de Santo Antônio para uma solteirona**. Crato-outubro de 2006. Gráfica: Coisas do meu sertão. Projeto Cordel na feira - SESC Crato.

³ Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBREAL.

Depois João Hilário foi eleito prefeito de Barbalha em duas gestões (em 1984-1988 e 1993-1996) e foi um continuador das ações transformadoras do dr. Fabriano Livônio, no que diz respeito à modernização da festa e sua integração no calendário turístico do Ceará e do Brasil. Outro prefeito (eleito em duas gestões – 1989-1992 e 2005-2008) que também se preocupou em fazer a festa crescer foi Rommel Feijó de Sá. Os exemplos de Fabriano Livônio, João Hilário e Rommel Feijó foram seguidos por todos os prefeitos, de 1974 até 2012⁴.

A história é a seguinte: nós fomos descobertos em 1500, nós temos 491 anos de história, o resto da história pertence aos índios. Então eu acho que nós temos que manter a nossa tradição. Barbalha hoje é o caldeirão da cultura popular do Cariri. Aqui está a nossa história. Barbalha faz essa festa e não é só negócio de cachaça não, e negócio de reza não, é negócio de povo, essa festa é negócio de povo (Feijó, 1989).

As mudanças não foram geradas apenas pela vontade de alguns homens e mulheres, mas também pela vontade do povo. A resposta entusiasmada do povo fez o sucesso da ousada empreitada. Também não seriam possíveis estas mudanças sem a permissão e participação da igreja.

Sempre houve esse pau da bandeira com muita festividade, mas era uma festa da igreja, festa religiosa. Depois o prefeito (Fabriano Livônio), que era muito interessado pelo município, chamou o padre, e fizeram uma junção pra fazer a festa coletiva, e aí esse ano é que a festa tomou grande posse (Sampaio, 2010).

O prefeito Fabriano Livônio Sampaio percebeu que era preciso dar à festa uma dimensão cultural e tirar do “esconderijo” dos pés de serra a grande diversidade das manifestações folclóricas para integrá-las à festa, preocupando-se também com a restauração dos velhos casarões senhoriais e a preservação de todo o patrimônio histórico, no qual ele enxergou um verdadeiro tesouro que poderia dar a Barbalha a sua identidade diferenciada em uma região em que a maioria das cidades estavam se descaracterizando e as culturas populares sofrendo sérios reveses por conta das culturas de massa veiculadas pela indústria cultural e os grandes veículos de comunicação.

Esta festa antes era controlada pela igreja e pelas famílias tradicionais de Barbalha. O surgimento do Pau da Bandeira estava subordinado

⁴ Relação dos prefeitos e suas gestões: Fabriano Livônio Sampaio (1974 - 1977) Antônio Inaldo de Sá Barreto (1978 - 1983) João Hilário Coelho Correia (1984 - 1988), Francisco Rommel Feijó de Sá (1989 - 1992). João Hilário Coelho Correia (1993 - 1996), Antônio Inaldo de Sá Barreto (1997 - 2000), Edmundo de Sá Filho (2001 - 2004), Francisco Rommel Feijó de Sá (2005 - 2008), José Leite Gonçalves Cruz (2009 - 2012).

aos sentidos estritos da festa religiosa. Na década de 70, o fator importante é que o estado entra. Isto acontece, pela primeira vez, na administração de Fabriano Sampaio e ele incorpora a festa do Pau da Bandeira e resignifica o evento religioso incluindo o desfile dos grupos folclóricos, as barracas com comidas típicas etc. Isto acontece em um momento em que o Cariri e Barbalha viviam uma decadência econômica, acontecia a difícil passagem de uma economia rural, baseada, sobretudo, na cana de açúcar, para novas alternativas, entre as quais se incluíam a indústria e o turismo. Enquanto de maneira geral se pensava naquela época, de maneira geral, na industrialização como solução, Barbalha percebeu o potencial turístico, com seus casarões, com firmeza da elite, pelo clima, a beleza do cenário, as fontes de águas... E é dentro deste contexto que ele vai perceber o potencial da festa. Aí entram os políticos de estado. Dentro do significado que tenha para a sociedade local, era um acontecimento com plena potencialidade de ser oferecido a um olhar do estranho, daquele que buscava conhecer costumes e paisagem novas (Araújo, 2009).

Uma das primeiras compreensões do Prefeito Fabriano Livônio foi mobilizar o povo para o grande evento, tendo o cuidado e a sabedoria de tirar de si qualquer título de “paternidade” pelas mudanças ou publicidades em torno do seu nome que pudessem gerar disputas políticas. Deixou que a cidade e o povo tomassem conta da festa, enquanto canalizava as vontades e apoiava os desejos, transformando-os em potências transformadoras do cotidiano.

Eu dizia muito nas reuniões: eu não quero que ninguém fale o meu nome, eu não quero que essa festa se acabe porque envolveram política nela. Então eu fiz as pesquisas sobre folclore, artesanato, prédios antigos, eu fiz essas pesquisas todas porque eram assuntos que não eram lembrados aqui em Barbalha. Logo no princípio do ano, após a minha posse, eu comecei a trabalhar, os primeiros contatos foram os colégios Santo Antônio e Nossa Senhora de Fátima e os alunos se dispuseram de uma maneira muito espontânea a trabalhar e ficaram muitos felizes em poder participar desta festa. E eu tinha esse desejo de poder fazer aquilo reviver o folclore (Sampaio, 2010).

O professor, radialista e ex-prefeito João Hilário, que nas suas gestões elevou o nível cultural dos shows em praças públicas trazendo grandes nomes da música popular brasileira e da música regional, reconhece a importância do trabalho do prefeito Livônio Sampaio.

Eram apresentações folclóricas, o folclore tanto original, do qual Barbalha é muito rica, como folclore estilizado por algumas escolas. Então a festa começou a ganhar corpo e começou a ganhar visibilidade nesse início da década de 70. O folclore de Barbalha, autêntico e vivo tem o número de participantes equivalente a 3% da população de Barbalha, aqui estão 3% da população de Barbalha hoje

estilizado momentaneamente porque esse folclore é autêntico, ele se pratica na zona rural do município durante todas as festas do padroeiro, todas as renovações as festas religiosas e populares do ano (Hilário, 2010).

O folclore e o patrimônio cultural conquistaram generosos destaques nas administrações de Livônio Sampaio e de João Hilário, ganhando continuidade na gestão de outros prefeitos.

A Festa em Barbalha

O resultado de toda esta movimentação é que, contando com cobertura da Prefeitura Municipal, dos clubes de serviço, da Paróquia e do comércio local, a festa do "Pau da Bandeira" transformou-se em uma das mais expressivas manifestações lúdicas e culturais do Cariri.

A senhorial Barbalha, com seus sobrados e casarões antigos, nobres e belos, seus canaviais verdes, explode, em cores e vida, durante 15 dias, desde o corte do pau até o dia de Santo Antônio – 13 de junho, quando os festejos são encerrados com uma concorrida procissão e uma missa na igreja matriz.

A “Festa do Pau da Bandeira” é uma tradição renovada a cada ano pelo povo, embora seja crescente a ameaça de a festa ser tomada pelos paredões de som e pelas bandas de “fórró de plástico”, entre outras mazelas. Resistindo a tudo isto, o povo ainda consegue brilhar por meio dos reisados e das bandas de pífanos. Neste movimento, ao mesmo tempo sacro e profano, manifesta-se a riqueza da cultura popular.

No dia de Santo Antônio, a cidade de Barbalha é acordada por uma alvorada feita pelas Bandas Cabaçais. As Bandas Cabaçais saem pela cidade acordando o povo para o dia da festa. Elas saem tocando suas canções e o povo vai levantando aos poucos, ao som daquelas músicas. E aquele dia vai começando, a cidade vai se levantando, vai acordando lentamente e vai se preparando para o dia da festa. As princesas, os reisados, os guerreiros, os carregadores do pau, os penitentes, todos vão tomando banho, tomando café, se aprontando, pegando suas roupas, suas vestes, seus vestidos, suas coroas, seus escudos, suas espadas e saem na rua para a brincadeira. Um dos grandes destaques dos Reisados é a presença dos “Mateus”, que são os palhaços negros, trazem na cabeça uma cafuringa. Eles vieram da África, eles eram Oguns, os Orixás guerreiros. No reisado, dizem que eles são a polícia do reisado, que toma conta, que abre caminho para o reisado passar. É quem organiza o terreiro, é quem prepara o terreiro para a festa, é quem toma de conta. Eles são uma polícia insubmissa, são uma polícia alegre, risonha. Eles são divertidos, cômicos [...] Então os “Mateus” são antipolícias (Barroso, 2010).

A Festa de Santo Antônio tem vários “momentos” até a epifania do levantamento do Pau da Bandeira no largo da igreja Matriz de Santo Antônio. Tem as trezenas de Santo Antônio, com ofícios de rezas e missas. Tem a missa de abertura com a presença do povo, de autoridades e de grupos folclóricos. Tem a visita da imagem de Santo Antônio, carregada em procissão, todas as noites para as casas de famílias. Tem os leilões, tem as quermesses, tem forrós, tem a procissão e a Missa Solene do Dia de Santo Antônio. De todos estes acontecimentos, o mais importante, por guardar ainda uma poderosa força de ancestralidade e de magia, que foge à pasteurização da mídia e fragmentação da festa como acontecimento meramente “folclórico”, é o “carregamento do pau” e o papel que têm os carregadores neste ritual.

Os carregadores eles são realmente as maiores autoridades no pau da bandeira e são ecléticos, tem carregador advogado, tem carregador engenheiro, tem carregador funcionário público, estadual, federal, mas a sua grande maioria, é aquela pessoa humilde, aquele lavrador, aquele cara pedreiro, pintor, aquela pessoa humilde que passa o ano inteiro esperando pra chegar esse dia onde ele é a estrela maior. Isso acontece ano a ano repetidamente eles estão fazendo isso, três, três e meia, eles já amanhecem o dia já lá fazendo suas orações seus pedidos e marcando obviamente o seu lugar onde ele vai pegar durante esses seis quilômetros que é o percurso que a gente faz com ele nos nossos ombros. Essa festa começou com numa integração entre religião e a sociedade. E foi um pedido de um padre que fez com que esse pau fosse trazido das matas para servir de homenagem e devoção a Santo Antônio (Teles, 2010).

O movimento para o carregamento do pau começa cedo; os homens mais dispostos espalham-se pelas bodegas e pelos bares, conversando animados, tomando uma “cachacinha para esquentar o sangue”, ainda na noite anterior ao dia do carregamento do mastro que servirá para hastear a bandeira de Santo Antônio. Depois, em algazarra, seguem para a cama do pau – o local para onde o pau, depois de cortado na floresta, foi arrastado e deixado para secar, para repousar, antes do seu triunfal cortejo, até ser erguido em frente à matriz. No caminho, os carregadores gritam, cantam e dançam ao som afro-luso-tapuio das bandas de pífaros. É como se os índios Cariri desencantassem do fundo do tempo, surgissem das furnas e olhos d’água do sopé da serra e viessem compartilhar o ritual do passado que se apresenta como pedaços do futuro.

O padre reza a missa e pede graças para a população:

A missa é longa, cantada, quase dançada, o ofertório se prolonga

porque todos levam o que têm de melhor, seus produtos, suas frutas, o que plantam, os artesanatos, o que fazem, toda a cidade participa. É uma manhã tranquila, é uma manhã de uma cidade pequena, uma cidade pacata, uma cidade do interior, agradável, tranquila, onde todas as pessoas se conhecem, onde cada brincante é amigo do outro, onde toda a cidade pode brincar juntos como uma grande comunidade. Depois há um grande cortejo pela cidade, onde todos perfilam do lado de fora da igreja, as bandas, as orquestras se ativam, e o povo sai pela cidade tocando, dançando, onde toda a cidade pode brincar junto como uma grande comunidade (Barroso, 2010).

Dona Lívia Duarte Fernandes, nas proximidades de completar 100 anos, falou dos modos de antigamente, da festa como um tempo bonito, de missa cantada em latim, de moças recatadas, de costumes moderados, de gente pouca e conhecida, mas cheia de encantamento e magias. Um tempo em que Barbalha era uma cidade pequena e vivia cercada de canaviais e de engenhos fumegantes.

Depois da missa de Santo Antônio, tinha festa, mas na festa de Santo Antônio não tinha muita dança não, era mais sem dança num sabe. Era só o povo da cidade mesmo, alguns vizinhos do Crato, Juazeiro que às vezes vinham, mas depois começou a mudar ficou cheio de gente, veio gente de todo o estado, muita gente, animado, eu acho bem animado (Fernandes, 2010).

A missa é bonita, mas um dos acontecimentos mais atraentes para a imprensa (jornais e, sobretudo, a televisão) é o carregamento do pau. As fábricas de cachaça aproveitam para fazer publicidade de graça distribuindo camisetas e bonés com as suas marcas e os seus slogans estereotipados e vulgares. A popular bebida é o que não falta durante o trajeto do carregamento do pau. Um homem, em uma carroça com um enorme barril (a carroça da “Cachaça do seu Vigário”), faz farta distribuição para os carregadores e pessoas que acompanham o ritual. Para esta tradição recente, existe também uma versão da sua origem, no início do século XX:

Não tinha naquela época a “Cachaça do Seu Vigário”, não. Tinha um homem chamado Melquíades que andava com uma cabaça cheia de cachaça, assim a tiracolo. O povo acreditava muito nele, gostava dele. Então ele ia batendo nas costas dos carregadores e botando na boca deles a cachaça da cabaça. Os carregadores iam tomando aquela cachaça, bebendo para animar [...] Ai surgiu a “cachaça do seu vigário” (Santos, 2009).

Antigamente o carregamento do pau era um ritual iniciático, de sacrifício, de prazeres e de sangue. Muitos eram os acidentados, os sacrificados e sagrados, pelo sangue, ao grande símbolo fálico que iria fertilizar a terra, no agradecimento votivo das

colheitas fartas. Carregando o pau, os homens sangravam, os homens cantavam, os homens bebiam cachaça e caíam pela terra. Simulavam brigas, mergulhavam nas poças de lamas das chuvas tardias, cobriam-se com a terra vermelha do chão, viravam esculturas disformes, terrificadas, em comunhão profunda com a natureza. Alguma coisa deste antigo e bárbaro costume ainda sobrevive.

O forte de todo esse rito é a comunhão que se dá com a terra, é como se com esse pau os homens e as mulheres se reencontrassem com a natureza e fundamentalmente com a terra. É como se esses falos que eles carregam fossem o meio que os reintroduz na natureza e no interior da terra. Eles se fundem através dos falos com o barro do qual nasceram, há uma espécie de comunhão com a terra, é como se fosse um grande gozo, em que cósmico naquele rito as pessoas se esquecem da sua vida civilizada, do seu ser social e vivem inteiramente seu ser natural, seu ser animal, seu ser cósmico. Tudo vira um corpo só, um corpo em que homem, mulher, terra, árvore, fazem parte de um único ser vivo. Você tem aí uma ideia por que a gente pertence a terra, por que a gente é um corpo só. A ideia que você tem é que aqueles homens, aquela árvore, aquele barro, aquele suor, a poeira, é como se houvesse assim uma espécie de ímã levando as pessoas para aquele furacão que vai passando. Há um furacão em andamento, e quem tá perto é levado pra dentro, e você [...] Eu vi muita gente que estava por perto olhando e de repente estava no meio daquela confusão e também estava sujo e também estava embriagado, aquela embriaguez coletiva, uma coisa dionisíaca, um caos em que acontece em tudo estar fundido e tudo faz parte do mesmo elemento, tudo é terra, tudo é barro, e tudo é água também, e tudo é fogo, porque tudo se funde numa matéria única que vai passando e que adentra a terra que se levanta como grande mastro, e que celebra a vida, celebra a fertilidade e a abundância e a liberdade absoluta do que acontece naquele momento em que aquele furacão atravessa a cidade e que se levanta na praça principal (Barroso, 2010).

Uma festa como a do Pau da Bandeira tem seus Reis da Folia, seus capitães, seus cantores, seus animadores, seus palhaços, seus líderes. De todas estas figuras, reunindo um pouco de cada um, a maior festa de Santo Antônio em Barbalha teve, durante mais de cinquenta anos, o comando alegre do popular José da Costa Veloso, o conhecido e amado “Pavão”, capitão não oficial de pau, animador da festa, cantador de cocos, brincante profano e sagrado da grande festa, amigo íntimo de Santo Antônio que lhe perdoava as farras e as brincadeiras:

A alma do Pau da Bandeira dos carregadores do pau, o grande capitão era Pavão. Pavão, um sujeito com chapéu de cangaceiro, uma barriga enorme, uma voz tonitruante, sujeito dono da cachaça comandava tudo cantando, brincando. Pavão era a festa, Pavão era a alegria, Pavão era o coração do povo (Barroso, 2010).

Em depoimento por mim gravado em 1989, o popular Pavão expressou-se de maneira bem original, o que era a sua marca, sobre como estava a festa naquele ano e quais eram as especificações do pau:

O Pau do Santo Antônio está um pau 100%, um pau legal, que vem lá da serra da manga do Dr. João Figueiras Teles, nós descendo o barranco e subindo o barranco, com os amigos e os colegas que sempre vai buscar o Pau de Santo Antônio, lá no sítio São Joaquim. É um pau bonito, um pau oitavado, um pau aprumado, um pau chã de dentro e é do nosso prazer, nossa alegria num dia como hoje, nós ir buscar o pau de Santo Antônio, lá dentro do São Joaquim. E nós cortamos o pau dentro dessa manga de Dr. João Figueiras Teles. Ele tem o prazer de dar o pau a Santo Antônio – um homem querido da Barbalha, um cidadão direito, uma capacidade⁵.

Pavão completa a sua fala dando mostra de indisfarçada intimidade com o santo “Toinho”:

Mocinha novinha, mocinha veia, se aperrear, é só pegar no pau de “Toinho” que ela casa, pegou casou, não tem taqueado, pode ser coroa velha, moça bem novinha, de coisa, mas pegou no pau de Toinho já casou, ela pega hoje e no mês que entra ela casa. O pau de Toinho é um pau doloroso, é um pau bom, é um pau gostoso, é um pau oitavado [...] Todo o povo gosta desse pau de Toinho.

Quando o cortejo dos carregadores do Pau entra na cidade, as mulheres seguem na frente, alegres generosas nos seus contatos com os homens: as bandas de pífanos tocam com baiões mais quentes; os homens apressam os passos, e o peso da madeira aos ombros é aliviado pelas “lapadas” de aguardente. No percurso, as moças disputam ansiosas a oportunidade de tocar no “Pau do Santo” e assim interceder junto aos céus para conseguirem um bom casamento, antes da próxima festa. As moças velhas e solteiras, incansáveis, também alimentam sonhos de um dia sair do “caritó”, e correm para o pau, sob gracejos dos homens. Na entrada da cidade, o animado cortejo é saudado pela multidão e anunciado pelo pipocar dos fogos. Em frente à igreja de Santo Antônio, o pau é erguido, e, entre cânticos religiosos e gritos de aleluia, hasteada a alva e bordada bandeira do Santo Padroeiro.

Na fenda cavada no chão, adentra-se o mastro em cósmica comunhão com a terra. Ergue-se o pau em sua vitalidade e fecundidade simbólica. Estouram os foguetes, e soam as palmas, as bandas tocam hinos, os crentes rezam orações com pedidos de

⁵ **José da Costa Veloso (Pavão).** Pavão faleceu em 2009, e o seu sepultamento foi um grande acontecimento religioso e cultural em Barbalha. O povo reivindicava que a praça John Kennedy fosse rebatizada com o nome de Pavão e o seu busto fosse erguido, ao lado do presidente norte-americano. Sábia decisão popular. A entrevista de pavão foi concedida a Rosenberg Cariry em maio de 1989.

casamento e fazem promessas pedindo saúde e paz.

Bom, a festa de Santo Antônio de Barbalha é realmente uma festa do povo, é uma festa da qual todos os barbalhenses participam. Barbalhenses de todas as classes, barbalhenses de todas as idades, porque é uma festa que está no sangue de cada um, e Santo Antônio esse santo que pra nós é, sobretudo o santo que congrega, porque congrega as famílias de Barbalha, porque traz um momento assim de muita paz e muita união entre as famílias, todos nós, todos os barbalhenses estamos juntos na festa de Santo Antônio (Betilde, 2010).

A Festa em transe

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio é uma festa em transformação, de tradição em trânsito. A cada ano, surgem inovações, e a festa cresce em tamanho e importância, transformando-se em um grande acontecimento cultural, religioso e também turístico do Ceará e do Nordeste.

Esta festa de tamanha grandeza hoje assombra os moradores da cidade pelos seus muitos inconvenientes. A cidade de quase sessenta mil habitantes⁶ passa a ter uma população flutuante, no dia do carregamento do pau, de duzentas a trezentas mil pessoas.

Uma coisa interessante que a gente vem notando também exatamente é que é uma festa que, a princípio, era um momento de atração, o pessoal vinha de fora, familiares vinham participar da festa, agora ela vem assumindo uma magnitude tal que realmente é um ponto assim, é um momento de atração turística. Aí vem muito jovem atrás de festa, dessa festa mais, digamos, profana mesmo, essas grandes bandas, bandas de forró, e isso dá uma outra feição pra esse momento. E é interessante pensar também na rejeição de setores mais tradicionais, em relação porque Barbalha acaba sendo invadida por uma grande massa de pessoas, isso gera desconforto, enfim a cidade fica complicada, em termos de trânsito etc.(Paz, 2010).

O afluxo de tantas pessoas, se por um lado traz a alegria, cores e vivacidade para a festa, por outro lado traz sérios problemas sociais e de segurança para a população nativa. A festa fica maior do que o espaço público permite, bem maior do que a cidade.

A estrutura de Barbalha não comporta tanta gente na época da festa. Tem a população da cidade, vem uma outra de fora. Tá criando um problema muito sério na cidade porque não cabe tanta gente. Eu moro aqui e fico preso, sem poder sair por causa do trânsito, tenho que ir a pé [...] Eu estava na missa, igreja cheia, aí a moça perguntou quem for

⁶ 55.373 mil habitantes. Dados do IBGE – 2010.

de fora levante a mão. Aí quase todo mundo levantou a mão era quase tudo de fora. Os administradores têm que reconhecer que a cidade está pequena para receber os turistas [...] A cidade tem que encontrar soluções para estes problemas (Santos 2009).

Surge a tensão entre os moradores da cidade e os visitantes por busca de espaço; surge a tensão entre os carregadores do pau da bandeira e os turistas que querem participar do ritual, entre os muitos outros conflitos ou tensões que se esboçam. Enquanto isto, a mídia ajuda na espetacularização e são retirados da festa os seus aspectos religiosos e culturais mais importantes.

A festa hoje é grandiosa, é uma festa que não é só de Barbalha, mas é uma festa do Cariri. É uma festa que envolve vários interesses: políticos, econômicos e que vai crescendo a cada ano. Existe esta questão da busca de preservação da tradição de uma identidade barbalhense ou cearense. Então é natural que esta questão acabe encontrando um espaço de fermentação aqui. A gente tem que levar em consideração que as tradições são inventadas e continuamente reinventadas. Então, do ponto de vista sociológico, eu acho interessante perceber como é que estes elementos da modernidade estão sendo introduzidos e incorporados à festa. E o movimento de rejeição que acontece, muitas vezes em relação a isto, no momento em que se assume uma posição de preservação das tradições. A gente percebe que, nos últimos trinta anos, isto vem sendo bastante movimentado, do ponto de vista de quem faz a festa e de quem participa da festa. São várias gerações, são vários olhares, são vários interesses [...] (Paz, 2010).

O aspecto cultural mais profundo é engolido pelo lixo cultural imposto pelas indústrias de cultura de massa regionais e alienígenas. É preciso não esquecer nunca que a indústria do “forró de plástico”, esta praga cultural que devasta o Nordeste, destruindo o bom gosto e a beleza, surgiu do empreendimento de empresários do Ceará e do Nordeste, não é maquinação de nenhuma multinacional. Hoje estes empresários dominam todas as festas em todos os municípios e têm os seus cachês milionários pagos, na maioria das vezes, com o dinheiro público. Circo ruim e pão mofado parece ser a maldição que tomou conta do Ceará.

Nesta época de festa, onde são rompidas as convenções sociais e as normas estabelecidas na vida cotidiana, tudo passa a ser permitido, como em um carnaval fora de época. Chocam os ouvidos e as sensibilidades (mesmo as mais comuns) a presença agressiva e invasiva dos jovens da classe média com seus carros rebocando os chamados “paredões de sons”, de tal forma que, em cada esquina, em frente de cada casa, em cada bar ou restaurante, os alto falantes grunhem o “forró de plástico” mais

vagabundo, com suas músicas indigentes e suas letras inclassificáveis de tão pífias e vulgares.

Quando se pensa que, na Festa do Pau da Bandeira, na década de 80, os shows eram de artistas com grande importância artística e cultural como Luiz Gonzaga, Trio Nordestino, Marinês e sua Gente, Alceu Valença, Fagner, Ednardo, Geraldo Azevedo, Belchior, Quinteto Violado, Patativa do Assaré, entre tantos nomes nacionais. Havia também uma forte presença de artistas da região: Luiz Fidélis, Abidoral e Pachelly Jamacaru, Geraldo Urano, João do Crato, Cleivan Paiva, Bá Freyre, Irmãos Anicetos, Luiz Carlos Salatiel, entre dezenas de outros. Ao lembrarmos disso, uma pergunta vem à tona: vivemos a decadência da festa, apesar do seu superespetáculo comercial e da sua visibilidade na grande mídia? A festa se tornou hostil à boa música e ao bom gosto?

Nem só de “forró de plástico” e de “lixo musical” vive a festa de Barbalha, o que demonstra que nem tudo está perdido. Por consolo, temos ainda a beleza das bandas cabaçais tocando pelas ruas e os reisados com seus trajes coloridos e danças guerreiras a jogar espadas pelas praças. Nesta queda de braço, a cultura de qualidade é devorada pela cultura ruim, e o sagrado da festa é devorado pelo profano. Uma antropofagia capaz de causar forte indigestão.

O escritor e dramaturgo Oswald Barros insiste em dizer:

A cidade não comporta esse grande número de pessoas. A cidade é asfixiada por essas pessoas que chegam de fora. Os paredões de som foram tomando conta da cidade, numa babel de mil atrações e de muitos palcos (Barroso, 2010).

Urge que a “Irmandade dos Carregadores do Pau da Bandeira”, o Pró-memória de Barbalha (que tem a frente nomes significativos como dr. Napoleão Tavares, Celene Queiroz, Josier Ferreira, Francisco de Assis, Francisco Cândido de Barros e Gilsimar Gonçalves, entre outros), juntos com a Prefeitura de Barbalha, o Padre Renato Simoneto e um conselho dos habitantes da cidade (de todas as classes sociais e idades – um conselho bem representativo da diversidade) repensem esta festa e possibilitem novamente o equilíbrio que ela necessita para que a sua função religiosa, lúdica e social não seja apagada pelas botas de um espetáculo grotesco engendrado de forma espetaculosa apenas “para turista ver”.

A proposta mais aceita é de que haja um equilíbrio entre o sagrado e o profano, entre as manifestações da cultura popular e as dos grupos musicais de melhor nível. Que

a festa, respeitando as tradições e o sentido religioso mais profundo, possa ter a sua sustentabilidade assegurada em amplo pacto social e cultural.

Como está é impossível continuar e chega-se a um impasse. O Dr. Napoleão Tavares atesta que, durante a festa, a cidade vira um pandemônio e que muitos moradores (mesmo fustigados pelos ensurdecedores paredões de som) não saem de casa com medo dos assaltos, dos bêbados, das multidões que se comprimem nas ruas e vielas estreitas. Um cheiro de mijó e vômito toma conta da cidade e fica como herança para que os funcionários da limpeza pública possam novamente polir Barbalha - “A Pérola do Cariri” e devolvam o seu original agridoce cheiro de mel e de canaviais, numa vida mais calma e de cotidiano mais ordenado.

Eu gostaria que voltasse o tempo em que a festa era mais rural, mais tranquila, mais bucólica do que midiática. Hoje, com esta confusão toda, eu não convido mais ninguém para vir à festa do Pau da Bandeira, porque se tornou um megaevento, com muita violência, com muito álcool, com muita droga. Fica inviável participar da festa, porque as ruas de Barbalha não comportam o povo que vem e nem a quantidade de carros. Barbalha sempre foi uma cidade calma, quase pastoril, canavieira. Uma cidade de cultura sedimentada e a gente se habituou a esta tranquilidade de vida rural (Neves, 2010).

Certa vez, entrevistei um menino sobre a sua percepção da festa e ele, bem demonstrando a “imagem” e a “importância” da festa que vem sendo construída pelos meios de comunicação massivos, disse:

É uma cultura boa. De todo mundo vêm muitos turistas conhecer, até agora nesse momento mesmo eu vi um homem dos Estados Unidos, que veio conhecer, um turista americano que veio conhecer o ritual do Pau da Bandeira de Barbalha⁷.

Esta tensão é cheia de complexidades. Se as pessoas mais idosas enxergam o incômodo das multidões no dia da festa, setores mais jovens, esclarecidos, buscam uma visão diferenciada para o problema:

⁷ IPHAN. **Festa do Pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha**. Direção Rosemberg Cariry. Fortaleza: Cariri Filmes, 2011. 1 DVD (54min).

Entrevistas

ARAÚJO, José Edvar Costa de. **José Edvar Costa de Araújo**: Entrevista [27 mai]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2009.

BARROSO, Oswald. **Oswald Barroso**. Entrevista [16 set.]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2010.

BENEDITO, Maria Ideuzuíte. **Maria Ideuzuíte Benedito**: Entrevista [1 jun.]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2010.

BETILDE, Maria. **Maria Betilde**. Entrevista [11 jun.]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2010.

CRUZ, José Leite Gonçalves da. **José Leite Gonçalves da Cruz**. Entrevista [11 jun.]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2010.

EBERT, Teófilo. **Teófilo Ebert**. Entrevista [29 maio]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2010.

FEIJÓ, Rommel. **Rommel Feijó**. Entrevista [maio]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 1989

FERNANDES, Livia Duarte. **Livia Duarte Fernandes**. Entrevista [01 jun.]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2010.

FERREIRA, Josier. **Josier Ferreira**. Entrevista [26 mai.]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2010.

HILÁRIO, João. **João Hilário**: entrevista [29 maio]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2010.

QUEIROZ, Celene. **Celene Queiroz**. Entrevista [29 mai.]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2010.

Muitas pessoas às vezes conhecem a festa de Santo Antônio e não conhecem a cidade de Barbalha, então ela é praticamente a identidade do que refere essa cidade. Essa festa de Santo Antônio tomou a cara que é Barbalha. Aqui na festa a gente vê o seguinte: é o pessoal que é mais tradicional gostaria de ver a festa mais do ponto de vista só cultural, só religioso. A juventude que está agora participando mais ativamente desta festa vê mais como momento de diversão realmente, há uma disputa para saber aonde essa festa vai chegar, então, ela tem agradar a todos os dois lados (Ebert, 2010).

O padre Renato Simoneto, pároco da matriz de Santo Antônio, diz que os excessos devem ser controlados, mas enxerga como motivação maior da festa o religioso, o que é verdade quando se leva em conta a devoção do povo de Barbalha em torno do seu Santo padroeiro.

O religioso é o grande motivador, mas o social é a grande ajuda que traz isso para nós. Nunca houve nesses tempos em que a quermesse era aqui a interferência, o religioso atrapalhando o social ou o social atrapalhando o religioso, e é bom notar que a movimentação da trezena, a movimentação dia da festa aqui na igreja matriz é intenso, e nós só temos a dizer que graças a Santo Antônio o louvor a Deus acontece, não é o louvor a Santo Antônio o principal, é o louvor ao senhor nosso Deus, você está ao pé da cruz. É ele o grande motivador e foi o grande causador de nós termos na igreja o Santo Antônio (Simoneto, 2009).

Muitos são os estudos sociológicos e antropológicos que surgiram sobre a festa com abordagens que mostram que as tensões existentes não resolvidas, muitas vezes, dentro do *corpus* vivencial da própria festa em que o sagrado e profano, o tradicional e moderno, são faces de uma mesma moeda e agem como forças propulsoras das dinâmicas culturais e sociais em curso.

O IPHAN, depois de criteriosas pesquisas e inventários de referências culturais da Festa e dos seus laços mais profundos com a comunidade, está encaminhando o seu registro como bem cultural intangível do povo brasileiro.

A Festa de Santo Antônio em Barbalha, não só é emblemática da cultura do Cariri como é uma espécie de lugar focal de reunião de várias expressões culturais do Cariri, ou seja, ao longo dessa celebração, além das tradicionais cerimônias de corte do Pau de Santo Antônio, de se levar esse mastro para instalação na cidade de Barbalha e tudo mais que isso envolve; é nos dias da festa, estão ali representadas praticamente todas as expressões culturais tradicionais do Cariri, tanto em termos artesanais, como em termos de expressões cênicas, musicais, lúdicas, plásticas e uma grande expressão da religiosidade também aqui da região. Então é fato um patrimônio especialíssimo e esperamos que em breve ele de fato esteja sendo registrado como patrimônio cultural do Brasil (Sant'anna, 2010).

Reconhecendo a festa como o seu próprio tesouro, talvez a comunidade de Barbalha descubra formas de salvaguardar as tradições, sem desfazer-se da modernidade, encontrando os necessários pontos de equilíbrio. Este é o pensamento de José Leite Gonçalves da Cruz, atual prefeito de Barbalha.

Sem deixar que essa grandiosidade que foi alcançada pelo carregamento do Pau da Bandeira, é importante até porque a gente tem a divulgação do município, temos que valorizar o que é nosso. Na televisão, nós tivemos mídia constante, então é preciso que a gente mantenha essa grandiosidade que existe no carregamento, que a gente reforce também os grupos folclóricos. Eu insisto muito da participação dos grupos não só no dia do cortejo, mas em outros dias para que as pessoas da Barbalha e as pessoas que vêm de fora tomem conhecimento de que nós temos grupos folclóricos, nós temos grupos de reisados, nós temos as bandas cabaçais (Cruz, 2010).

O signo que marca a Festa do Pau da Bandeira, bem mais do que a continuidade de uma tradição, é a inquietação de culturas em trânsitos, pela constante reinvenção da tradição e a sua inserção dentro do grande processo de transformações econômicas, sociais e culturais pelas quais passa a região do Cariri.

Notas

LIMA, Eusébio de Oliveira. **Eusébio de Oliveira Lima**: Entrevista [11 jun.]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2010.

LUNA, Socorro. **Socorro Luna**. Entrevista [28 mai.]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2009.

NEVES, Napoleão Tavares. **Napoleão Tavares Neves**: entrevista [28 maio]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2010.

PAZ, Renata Marinho. **Renata Marinho Paz** – Entrevista [30 maio]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2010.

SAMPAIO, Fabriano Livônio. **Fabriano Livônio Sampaio**. Entrevista [11 jun.]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2010.

SANT'ANNA, Márcia. **Márcia Sant'anna**. Entrevista [ago.]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2010.

SANTOS, Augustinho dos. **Augustinho dos Santos** – Entrevista [10 jun.]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2009.

SIMONETO, Renato. **Renato Simoneto**. Entrevista [29 mai.]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2010.

TELES, Rildo. **Rildo Teles**. Entrevista [11 jun.]. Entrevistador: Rosemberg Cariry. Barbalha, 2010.

Referências Bibliográficas

CARIRY, Rosemberg. A Festa do Pau da Bandeira. In: CARIRY, Rosemberg Cariry; BARROSO, Oswald (Org.). **Cultura Insubmissa**. Fortaleza: Nação Cariri Editora, 1982.

_____. A Nação das Utopias. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paulo; ARAÚJO, José Edvar Costa de. (Org.). **História da Educação** – Vitrais da memória: lugares, imagens e práticas culturais. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 5ª. Edição. São Paulo, 1979.

CRUZ, Polyana S.C. **Barbalha terra de cultura, turismo e tradição**. 6ª Ed. 2011.

GAMA, Padre Lopes. **O Carapuceiro**: Crônica de Costumes. Org. Evaldo Cabral de Mello. São Paulo. Companhia das Letras. 1996.

IPHAN - Instituto Histórico e Artístico Nacional. **Festa do Pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha**. Direção Rosemberg Cariry. Fortaleza: Cariri Filmes, 2011. 1 DVD (54min).

PINHEIRO, Irineu – **O Cariri**. Edição do Autor. Fortaleza, 1950.

RÖWER, Frei Basílio. **Santo Antônio**. 6ª. Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

SOBRINHO, Henrique F.L. **Barbalha em tempos passados. Barbalha** - Ce, 1926.

VIEGAS, Susana de Matos. **Os Tupinambá de Olivença**: práticas rituais e festas. Instituto Socioambiental. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/tupinamba/2212>. Acesso em ago. 2010.